

revista **PRIMAX**
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO

UBERABA/BRASIL

JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO

Nº 01/2021

EDITOR

GUIDO BILHARINHO

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX

A revista Primax destina-se a veicular ensaios, artigos, contos e poemas de autoria de seu editor, inéditos ou publicados, recolocando uns em circulação e disponibilizando outros, a fim de torná-los acessíveis a possíveis interessados.

Constitui, pois revista sui-generis por sua exclusividade, natureza e características.

Simples, direta e propositadamente diminuta – o que, eletronicamente, é recomendável – abrangerá, no articulado, questões gerais, cinema, literatura e assuntos regionais, bem como ficção (contos, diálogos e narrativas) e poesia.

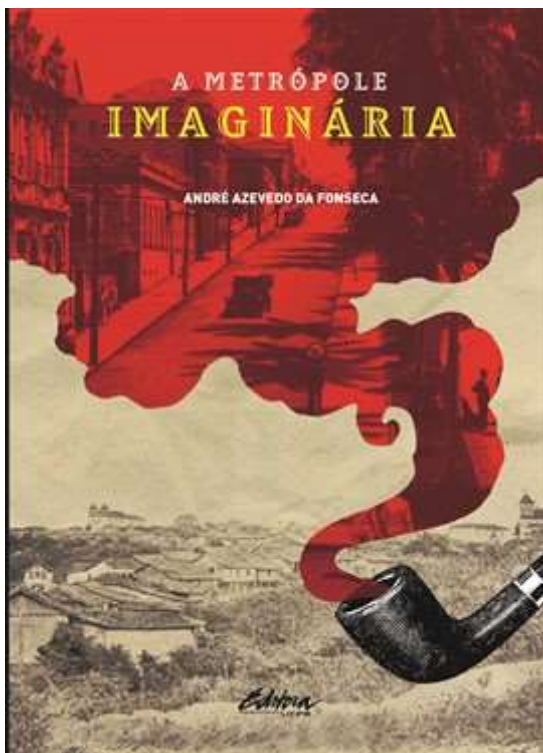
Por sua vez, em periodicidade que poderá variar com o tempo, circulará por meio de remessa direta a e-mails de destinatários cadastrados, sendo ainda publicada em blog próprio e exclusivo (revistaprimax.blogspot) para sua conservação, permanência e perdurável acesso.

O Editor

Questões

A METRÓPOLE IMAGINÁRIA

Em *A Metrópole Imaginária* (Curitiba, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2020), André Azevedo da Fonseca, em livro excepcionalmente bem escrito e articulado, na esteira das elucubrações teóricas e propositivas elaboradas por diversos pensadores e sociólogos (Bourdieu, Chartier, Goffman, Le Gof, Starobinski e outros), procede julgamento da sociedade uberabense da década de 1940 – período que teve particular oportunidade de investigar para elaborar o livro sobre Mário Palmério – incursionando e opinando também algumas vezes sobre aspectos atinentes à evolução de Uberaba.



No primeiro caso – das citadas concepções teóricas e sua aplicação prática extensíveis a inúmeras cidades de igual porte – foram omitidas a análise e o questionamento do fundamento básico dessa sociedade, que é sua estrutura econômico-social capitalista, restringindo-se a obra a atacar as classes dominantes sem atingir e considerar as causas e condicionantes de sua existência, posição

e atuação, do que resulta a falsa impressão de que elas agiram por mero voluntarismo e subjacente maldade, pelo que a avaliação procedida carece de sustentação objetiva e científica.

No caso é de se lembrar a assertiva de Marx de que “*o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência*”.

No que tange à segunda questão - assertivas sobre aspectos da evolução histórica do município – são exercitadas afirmações e interpretações equivocadas, por divergentes, quando não diametralmente opostas à realidade, aos fatos, ao amplo e abrangente contexto econômico-social de Uberaba.

Nesse caso específico, há de se atentar (e atender), antes de tudo, à advertência de um pensador de que a verdade não está na cabeça das pessoas, mas, na realidade. Daí estabelece-se que os fatos, que compõem a realidade, devem ser investigados, analisados e avaliados objetiva e imparcialmente, escoimados, pois, o mais possível, das interferências e inferências ideológicas e prévios posicionamentos.

Não é correto, por não corresponder à realidade, argumentar que “*a pecuária praticamente anulou as características que a atividade comercial havia imprimido à cidade, de forma que, entre 1910 e 1930, Uberaba deixou de ser um centro urbano relevante [...] dessa maneira, Uberaba virou um núcleo urbano decadente ilhado por formidáveis pastagens de gado*” (p. 34).

As pastagens realmente foram formidáveis, mas a atividade pecuária zebuína não anulou nada, sendo as alterações sociais e de costumes havidas no período citado decorrentes unicamente do colapso comercial do município e da evolução dos tempos: antes, monarquia dominada pela aristocracia da cana; depois, república e seu período transitório de novembro de 1889 a 1894 e, a partir daí, a prevalência e comando da vida econômica do país pelo baronato do café de São Paulo e Minas Gerais.

Dois fatores, pois, poderosos e determinantes dos rumos, práticas administrativas, ação política, estrutura partidária, concepções e ideias variadas, que prevalecerem e nortearam Uberaba e o país nesse período.

Como já demonstrado no ensaio “Evolução Econômica de Uberaba”, inserto no livro *Informação Sobre Uberaba*, de 2016, de nossa autoria, a pecuária zebuína não afetou, não influenciou e, muito menos, contribuiu para a derrocada comercial de Uberaba como certa linhagem ideológica, encampada pelo livro ora comentado, vem aduzindo equivocada, mas, insistentemente. Quanto mais equivocada, mais insistente.

Ao contrário do que esse posicionamento argui e defende, a pecuária zebuína é que evitou Uberaba tornar-se “*núcleo urbano decadente*” ou mesmo estagnado.

Aquilata-se facilmente essa assertiva ao se verificar a linha fático-cronológica percorrida pela prática comercial de Uberaba até 1911.

Até a extensão da linha férrea da Mojiana (como jota, como todos os termos de origem indígena) até Araguari, em 1896,

Uberaba exerceu o papel de entreposto comercial entre o litoral (Rio de Janeiro e Santos) e os Estados de Goiás e Mato Grosso, isto desde a ativação na década de 1820 da rota salineira, sendo o sal o principal – e quase único – produto então comercializado, visto essencial ao gado e à conservação da carne.

Como o historiador Hildebrando Pontes aventa pela primeira vez e demonstra com fatos na notável *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*, a partir do próspero período decorrido dos idos da década de 1820 a meados da década de 1850, Uberaba sofreu choques econômicos negativos e positivos até 1911, quando, desde 1896, a já cada vez mais enfraquecida função de entreposto comercial colapsou de vez.

Desde a década de 1850 ocorreram dois choques econômicos positivos, embora o primeiro de causação deprimente: a) na década de 1860 com a Guerra do Paraguai e a passagem e estada aqui da Força Expedicionária Brasileira que invadiu o norte paraguaio, bem como a Guerra de Secessão estadunidense, impactando sua produção sulina de algodão e propiciando a exportação do produto brasileiro para a Grã-Bretanha; b) na década de 1880, com a chegada da Cia. Mojiana, propiciada pelo café, e o progresso e euforia daí decorrentes.

Já os choques negativos se deram: a) década de 1850 por série de fatores, todos alheios a Uberaba, a exemplo da extensão da navegação pelo rio Grande até Frutal e do início de navegação pelo rio Paraguai, desviando parte do comércio de Mato Grosso; b) década de 1890, pela extensão até Araguari dos trilhos da Mojiana; c) década de 1900, pela incursão de Uberlândia por

Goiás, capturando os mercados de Uberaba, propiciada pela junção naquela cidade da estrada de ferro e da estrada de veículos automotores até o rio Paranaíba e a inauguração, em 1909, da ponte Afonso Pena, que mais ainda facilitou e impulsionou essa incursão goiana estendida a Mato Grosso; d) década de 1910, com a inauguração, em 1911, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando Mato Grosso a São Paulo que, por manobras políticas entre Rodrigues Alves e Afonso Pena, substituiu a linha já projetada e iniciada, em 1906, de Uberaba a Coxim/MT, com isso transferindo para São Paulo, abruptamente e para sempre, o comércio entre Mato Grosso e Uberaba, até então feito por carros de bois e travessia de rios por balsas.

Essa gangorra econômica decorreu da fragilidade do sustentáculo comercial do município, visto que essa atividade não dependia de fatores internos (endógenos), mas, apenas e unicamente dos externos (exógenos), já que Uberaba, como simples entreposto comercial, nada produziu e nem agregou valor a nenhum produto nesse período de predominância comercial.

À evidência, no entanto, que Uberaba chegou onde chegou nos fins do século XIX em decorrência de sua condição de entreposto comercial unicamente por causa de sua localização e das medidas tomadas pelo major Eustáquio na década de 1820 no sentido de alterar a rota da estrada do Anhanguera, estabelecer o porto de Delta e a navegação pelos rios Moji-Guaçu e Rio Grande até esse porto.

Contudo, como se viu, essa posição foi precária e transitória, sujeita a altos e baixos, fluxos e refluxos, pela razão de que, após as ações de Eustáquio, não mais depender de iniciativas e comandos locais.

Quando fatores externos – totalmente independentes da vontade, das possibilidades e da ação dos comerciantes, administradores, lideranças e políticos locais - liquidaram definitivamente (em 1909 e 1911) a posição de entreposto comercial de Uberaba, seu destino seria a estagnação e o encolhimento econômico-social e urbano, limitando-se a ser, daí em diante, um município como os demais, com atividades e crescimento apenas vegetativos, se tanto.

Todavia, essa debacle não aconteceu justamente porque, desde 1888, Uberaba passou a contar com nova e promissora fonte de riqueza: a pecuária zebuína.

Essa pecuária a salvou daquele inglório destino, porque não se resumiu a pôr e manter a rês no pasto, dando-lhe, de vez em quando, sal e vermífugos. Foi, e é muito mais: criação, cuidados, cruzamentos, aprimoramento, seleção, multiplicação e exportação, interna e externa (Colômbia, Venezuela, México, por exemplo).

Pela primeira vez, Uberaba comercializou produto seu, para aqui trazido, mas, aprimorado e multiplicado perenemente, salientando-se, de passagem, que o fazendeiro uberabense foi o primeiro no mundo a perceber, reconhecer, aprimorar, multiplicar e explorar o valor do zebu.

Assim, quando Uberaba desde 1896 caminhou célere para o desmantelamento de seu *status* comercial, nova fonte de riqueza e progresso se instalara e se desenvolvera no município, projetando-o, com o tempo, mundialmente.

Em síntese, conforme dissemos alhures (em *Informação Sobre Uberaba*), é de se asseverar diante desse quadro, que se a economia uberabense como entreposto comercial entre regiões distantes foi dependente e foi superada, seja com Goiás por outro entreposto (Uberlândia), seja com Mato Grosso pela ligação direta entre esse Estado e o centro fornecedor (Santos/São Paulo), a economia baseada no zebu (importação direta da Índia, aprimoramento racial, multiplicação reprodutiva e comercialização em todo o país), teve característica exatamente oposta, por adquirir a cidade e região a direção e condução desse processo. De inconsistente (como demonstrado) e dependente entreposto comercial receptor e encaminhador de bens passou a ser matriz produtora no Mundo Ocidental (e não só no Brasil) de riqueza, além do mais transformadora, já que procedeu a total substituição do até então precário e insuficiente rebanho bovino brasileiro pela raça bovina ideal para as condições climáticas e mesológicas equatoriais e subequatoriais brasileiras.

Conquanto há décadas o zebu esteja disseminado por todo o país, havendo regiões onde sua criação é relevante, o município de Uberaba e a região detêm não só a primazia como a predominância no aprimoramento e seleção dessa raça bovina, tanto por estar a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu –

ABCZ sediada na cidade, quanto, também, por seus próprios criatórios.

II

Por isso, muito menos ainda é correto dizer, como se procede no livro, que o *“incipiente processo de modernização havia retrocedido à economia rural”* (p. 51) e que se deu a *“plenitude comercial e urbana”* de Uberaba na *“segunda metade do século XIX”* (p. 53) e, ainda, de que Orlando Ferreira, o Doca, em *Terra Madrasta*, *“lamenta que, em 36 anos de vida republicana, Uberaba nada construíra de importância, acumulara uma dívida enorme”* (p. 56).

De novo, é justamente o contrário. Não houve nenhum retrocesso e nem deixou Uberaba de evoluir, crescer, construir e realizar cometimentos de importância e significado.

Nos citados 36 anos (1889 a 1925), estendidos até outubro de 1930, face a seu colapso comercial, Uberaba deveria ter se estagnado e, mesmo, retrocedido. Porém, em decorrência do célere e acentuado desenvolvimento da pecuária zebuína, prosperou e se desenvolveu, malgrado as restrições e obstáculos opostos pela orientação e prática econômicas implementadas no país a partir de 1894, com a eleição de Prudente de Moraes e ascensão ao poder da plutocracia cafeeira.

Para se aquilatar que ao contrário do que as Cassandras retroativas proclamam, Uberaba não só não estagnou nem retrocedeu, como, ao contrário, foi contemplada com realizações

diversas e, isso sim, modernização urbana, como provam as fotografias anexas, de 1909 e a do período 20/30.

Basta lembrar, em apertada síntese, entre outras realizações:

Década de 1910: cine Paris Teatro (1910); cine Triângulo (1910); célebre Exposição de Zebu (1911); primeiro centro espírita (1911); cine Pathé (1912); primeiras estradas intermunicipais (1912); Uberaba Cinema (1913); loja Notre Dame de Paris (1915); Asilo Santo Antônio (1915); agência do Banco do Brasil (1916, antes de São Paulo); Fórum (1916); Penitenciária (1917); Uberaba Sport (1917); cine Politeama (1917); revistas *Via Láctea* (1917) e *Lavoura e Comércio Ilustrado* (1919); Banco de Uberaba (1919).

Década de 1920: Hospital São Sebastião (1922); Associação Comercial e Industrial (1923); Mercado Municipal (1924); Hospital Santa Rita (1924); Escola Técnica de Comércio José Bonifácio (1924); cine Capitólio (1925); Associação de Chauffers e Condutores de Veículos (1925); Rede Mineira de Viação (1926); Escola de Farmácia e Odontologia (1927); Sociedade de Medicina (1927); Liceu de Artes e Ofícios (1927); Centro de Saúde (1927); Associação dos Empregados no Comércio (1927); loja São Geraldo (1927); Centro de Cultura Física (Associação Esportiva e Cultural, 1927); Colégio Sousa Novais (1928); cine Alhambra (1928); Casa Aliança (1929); Hotel Modelo (1929); cine São José (1929); *Lavoura e Comércio* passa a diário (1929).

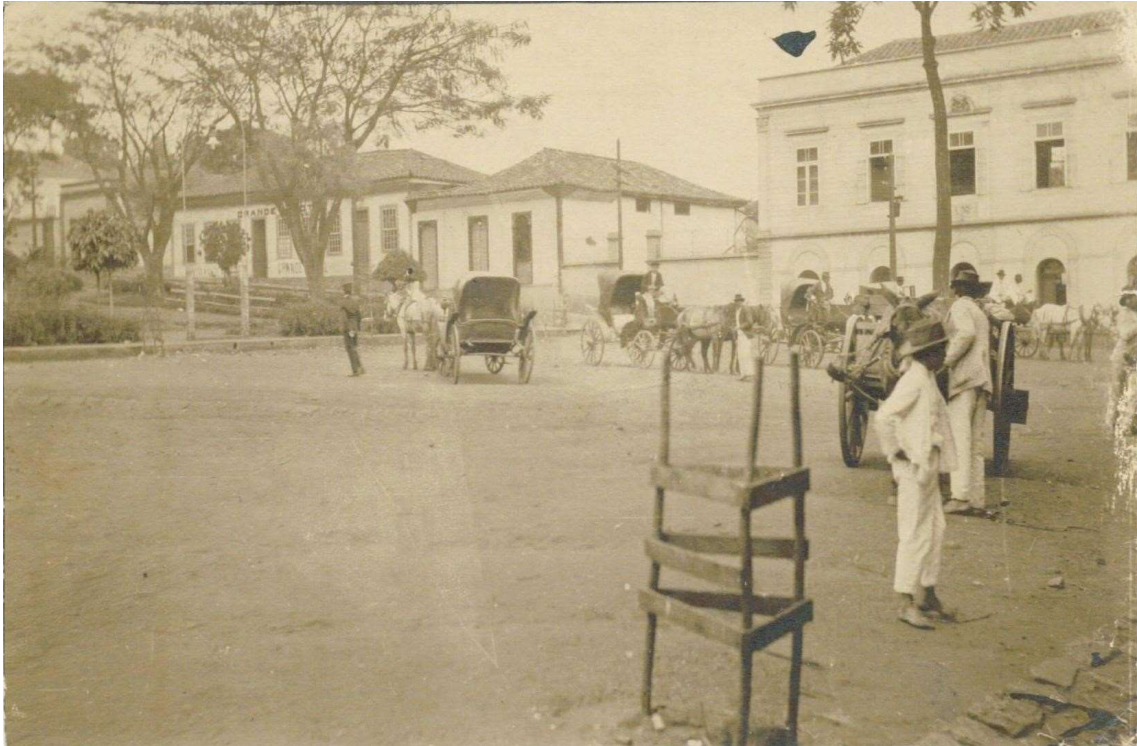
Década de 1930: Capela do Colégio N. S. das Dores (1930); *Sorriso-Revista* (1931); cine-teatro São Luís (1931); Diretoria

Regional dos Correios e Telégrafos (1932); Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil (1932); 14ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil (1932); Aeroporto (1932); Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro (1933); Grupo Dramático Artur Azevedo (1933); revista *A Rural* (1933); Sanatório Smith (1933); Sanatório Espírita de Uberaba (1933); Colégio Santa Rosa (1934); Ginásio São Luís Gonzaga (1934); inauguração da linha aérea São Paulo-Uberaba (1934); Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (1934); Casa Carvalho (1934); Banco de Triângulo Mineiro (1936); banda Maria Girisa (1936); Clube Atlético, da Abadia (1937); Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários (1937); Casa de Saúde São José (1939); *Revista Zebu* (1939); nova sede do Jóquei Clube (1939).

População Urbana: 9.186 (1908); 15.022 (1920); 21.882 (1930).

NOVOS jornais e periódicos: 45 (década de 1910); 31 (década de 1920); 36 (década de 1930).

No que tange à urbanização e modernização, basta se comparar as duas fotos citadas e anexas, comprobatórias de que em poucos anos substituiu-se a acanhada e acachapada arquitetura colonial por outra muito superior.



PRAÇA RUI BARBOSA 1909



PRAÇA RUI BARBOSA DÉCADA DE 1930

III

Outro equívoco recorrente na obra e disseminado entre professores e alunos do curso de História, em seu entranhado provincianismo, reducionismo e, principalmente, corporativismo, é de considerar que apenas eles, os formandos nesse curso, são historiadores, não passando os demais, entre eles, Hildebrando Pontes, de meros “memorialistas”.

Aliás, tais cursos de História não formam historiadores, mas, professores de História, função e atividade muito diversa daquela.

Por sinal, Hildebrando Pontes nem mesmo foi simples historiador, porém, grande historiador e mais, muito mais do que isso, um sábio que incursionou por várias áreas do saber, como a filologia (*Dialeto Capiáu*), legislação (vade mecum da legislação municipal), meio ambiente e geografia (*Sistema Fluvial de Uberaba e Região*), etc. Um sábio, no sentido mais próprio, completo e amplo do termo.

IV

Outro equívoco, o de perfilhar posições de Orlando Ferreira, o Doca, a quem, por sinal é até dedicada a obra.

Conquanto Doca tenha, em *Terra Madrasta*, analisado e qualificado corretamente as atuações de Hildebrando Pontes, Alexandre Barbosa e Leopoldino de Oliveira – mérito que ninguém lhe pode negar – desequilibrou-se, destemperou-se e se

perdeu irremediavelmente no mais, não só em *Terra Madrasta* e *Forja de Anões* (onde é até contra exercícios físicos e futebol), como principalmente no livro *Pântano Sagrado* e em atacar os historiadores de Uberaba e afirmar que frei Eugênio (um santo e um gênio empreendedor) foi “*traficante de escravos*” e que “*Uberaba é a pior localidade do mundo*”, ofensa repetida várias vezes em *Terra Madrasta*. Se assim considerava Uberaba, por que não se mudou daqui?

(inédito)

UBERABA CONTEMPORÂNEA



Cinema

A FONTE DA DONZELA A Lancinante Beleza

Se poesia é beleza e tragédia é dor e se beleza não combina com sofrimento e, se não lhe for antípoda, é pelo menos incompatível, como se elaborar obra em que esses dois elementos tão díspares se unam simbioticamente, concorrendo de iguais modo e conformidade para sua formação?

Se uma é beleza, pureza, alegria, vida e outra é sua negação?

É possível?

É possível.

É exatamente isso que Ingmar Bergman faz em *A Fonte da Donzela* (Jungfrukällan, Suécia, 1959), um dos mais belos e ao mesmo tempo dos mais trágicos filmes já realizados.

Inserido nos limites da narrativa, excede-a em perfeição. Confinado na necessidade de estabelecer a sucessão de atos, atitudes e acontecimentos que a compõem, infunde-lhe precisão, conexão e intrínseca dinâmica, emanada da articulação de seus



diversos elementos. Obrigado a organizar e distender o fio narrativo, o faz com vigor, segurança e determinação. Tangido a lidar com anjo, demônios e seres humanos, os reúne no mesmo espaço e em idêntico tempo, confrontando-os. Compelido a destilar todo o horror desse encontro e embate, exercita-o, no entanto, humana e poeticamente.

Assim, se se tem de um lado a inocência, a pureza, a beleza, a poesia enfim encarnada, e, de outro, a impulsividade e a bestialidade em seu mais alto grau, logra-se, como resultado desse heterogêneo amálgama, filme em que a dignidade humana é contemplada tanto quanto sua face oposta nos exatos termos em que se manifestam, constituindo monumento desse compósito extravagante.

Toda essa confluência, que se transforma em conjunto trágico, violento e mortal, expõe-se em ambientes construídos em consonância com a vinculação do tempo e do espaço em minudências físicas e gestos pessoais compatíveis e exatos. Se neles e nisso ressumbra a realidade, nos exteriores explode e vigora a poesia da imagem na paisagem vista (e sentida) em sua harmônica beleza, onde se cruzam a mocidade que a tonifica e os cérberos abjetos que a poluem e conspurcam.

Nessa dimensão neutra, mas, generosa e propiciatória, a maldade impõe-se à bondade, destruindo-a dupla e sucessivamente, antes, ao conspurcá-la, depois, ao eliminá-la, em sequência de beleza imagética, que mais ainda exacerba a inaudita brutalidade com que se manifesta e se materializa.

(do livro eletrônico *O Cinema de Bergman e Fellini*. 2ª ed., 2018)

Literatura

A NORMALISTA OU A CONCEPÇÃO NATURALISTA DA VIDA

Em *A Normalista* (1892), romance de Adolfo Caminha (Aracati/CE, 1867 – Rio de Janeiro/RJ, 1897), é ultrapassada a fase idealizadora da sociedade persistente no romantismo. Não só nessa obra, obviamente, mas, antes dela e mais amplamente, no naturalismo e no realismo, no primeiro dos quais se insere.

Nesse romance, superada a visão romântica da existência e da sociedade, depara-se com a preocupação de se retratá-las naturalmente.



ADOLFO CAMINHA

No entanto, como dificilmente poderia deixar de acontecer, em decorrência da época – tão próxima ainda do absoluto domínio da influência das concepções românticas – e como consequência da mocidade do Autor, com suas naturais carências de amadurecimento e conhecimento mais profundos, ainda são encontrados, nessa

obra anti-romântica, laivos do romantismo.

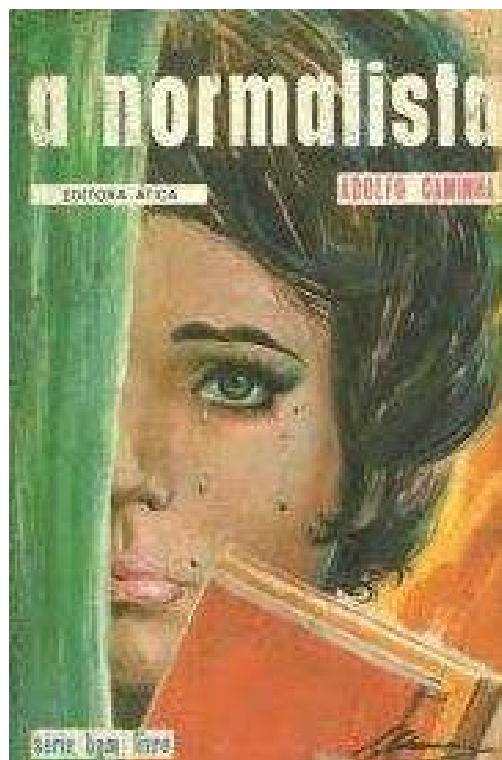
Porém, nela, o amor, ora idílico, ora absorvente e abrasador, ora platônico, ora candente, mas, sempre, nos romances românticos, a única face da realidade retratada, não possui mais essa exclusividade, justamente por não corresponder à multivariada das manifestações vitais, restando unilateral e restritivo.

Adolfo Caminha, ao contrário dos românticos, procura reinventar e recriar artisticamente a vida a partir dela e baseada nela própria, com suas miudezas e insignificâncias, que são, afinal de contas, seus componentes mais gerais. Todavia, norteado pelos cânones naturalistas, persiste em dramatizar, principalmente, as necessidades vitais da sexualidade, exagerando sua influência no comportamento individual.

Daí todas as personagens principais serem reveladas mediante ligações amorosas, assaz pronunciadas.

Conquanto trabalhem, tenham profissão definida – o que representa avanço em relação ao romantismo – movimentam-se no romance notadamente por meio dessas relações. Nelas e por elas é que se desenvolve a ação ficcional.

O contraditório namoro de Zuza e Maria do Carmo, por exemplo, consiste no único fio que mantém aquele dentro da



trama. Rompido, desaparece a personagem, já que esse o exclusivo suporte de sua existência romanesca, embora, enquanto atue, seja porta-voz do Autor em suas acerbas críticas ao mesquinho ambiente provinciano, do qual foi vítima.

João da Mata e Maria do Carmo são, realmente, os protagonistas do romance, vivendo em torno de ambos as demais personagens, como satélites girando nos limites de suas órbitas.



A figura de João da Mata é a melhor criação de Adolfo Caminha nessa obra. Isto porque o autor não exclui, em sua formação, a normal complexidade humana, já que não a revela apenas por meio da preocupação ou ocupação amorosa (romantismo) ou tão-somente por impulsos e desejos sexuais (naturalismo). Essa personagem não ama romanticamente, agindo por força dos referidos estímulos. Contudo, não é somente isso que a compõe. É mais complexa, embora sórdida. Verdadeira súpula de abjeções, no que, nesse aspecto, se enquadra nos cânones naturalistas.

Maria do Carmo representa a personagem na qual o Autor paga seu tributo ao romantismo, já que é, em essência, romântica. Todavia, as circunstâncias e o meio em que vive, cresce e desenvolve sua personalidade, sendo atrozmente anti-românticos (seca, morte do pai, criação por e convivência com

João da Mata, ambiente do lar, rivalidades na escola, etc.), constituem contrapartida à idealização da personagem, recompondo-a, mediante os choques e contrariedades da vida, com a realidade.

No mais, em consequência dos particulares acontecimentos da vida do autor, sua visão da existência e dos seres humanos é bastante negativa. O ambiente da província é retratado apenas em suas mazelas e mesquinhez. As personagens que aí agem, excetuada Maria do Carmo, cuja bondade é ressaltada, manifestam-se por meio de instintos e impulsos ou no estreito âmbito de suas limitadas inteligências, carência de cultura e de sentimentos aproveitáveis. Esse conceito, pouco ou nada lisonjeiro da espécie humana (ou de parte dela), é, contudo, transmitido pelo adequado equilíbrio de forma e tema, os quais, por sua vez, desenvolvem-se dentro de estrutura romanesca unitária e sem desníveis.

(do livro físico *Romances Brasileiros*
– *Uma Leitura Direcionada*, 1998)

Ficção

a vaca

nem bem entro no elevador a máquina começa a movimentar-se parando de repente não sei se no pavimento superior ou inferior o que sei é que nele ingressa com toda naturalidade uma vaca que estaciona seu corpanzil num dos lados e por timidez ou resguardo de sua privacidade não deixa ver seus modos e costumes cessando prontamente de ruminar e permanecendo imóvel com aquele olhar mortiço e indistinto próprio de vacas e de passageiros de elevadores que não conhecem nem querem conhecer os companheiros de viagem a vaca ficou pois no seu canto aliás todo um largo espaço dadas suas naturais proporções já que desnatural era ela estar ali placidamente como se isso e tudo o mais naquele momento incluídos o céu e a terra fossem ou estivessem normais nessa altura perplexo face à tão surpreendente presença sem querer sustive a respiração só me salvando de morrer asfixiado a circunstância do elevador chegar rapidamente ao térreo onde a vaca sem mais nem porquê saiu tão tranquila como entrou sem que ninguém desse por isso

(do livro eletrônico *Mistérios*, 2019)

Poesia

árvore

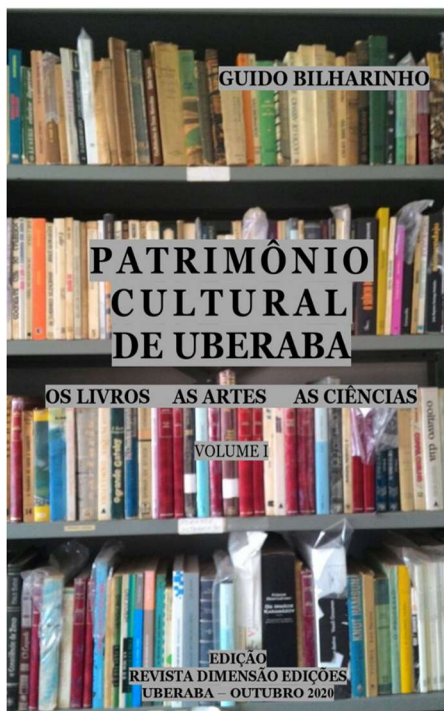
áspera no
lanho árvore

em ares e
terras som
bras e azul

ressaibos es
ponja de ful
gores a fru
ta nos cimos

(do livro físico *Aspectos*, 1992)

Indicações



PATRIMÔNIO CULTURAL DE UBERABA

OS LIVROS AS ARTES AS CIÊNCIAS

VOLUME I

Genealogias - Memórias -
Biografias - Dramaturgia -
Romances - Contos - Poesia -
Artigos e Crônicas

NOS BLOGS:

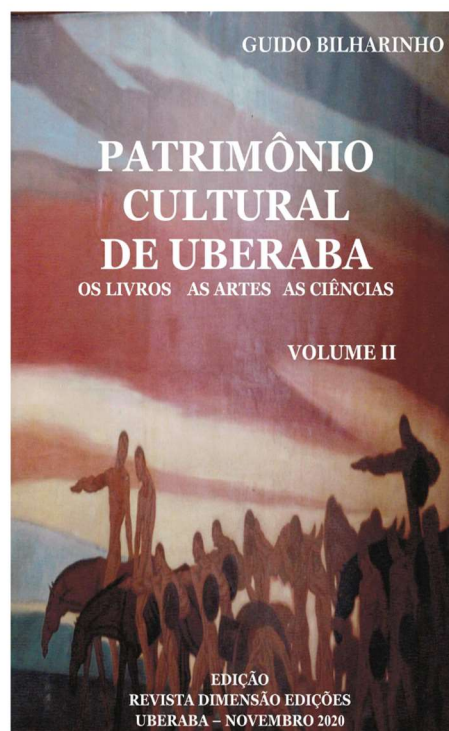
<http://guidobilharinho.blogspot.com/>
<http://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>

PATRIMÔNIO CULTURAL DE UBERABA

OS LIVROS AS ARTES AS CIÊNCIAS

VOLUME II

Ensaio - Música - Artes
Plásticas - Cinema - Visuais

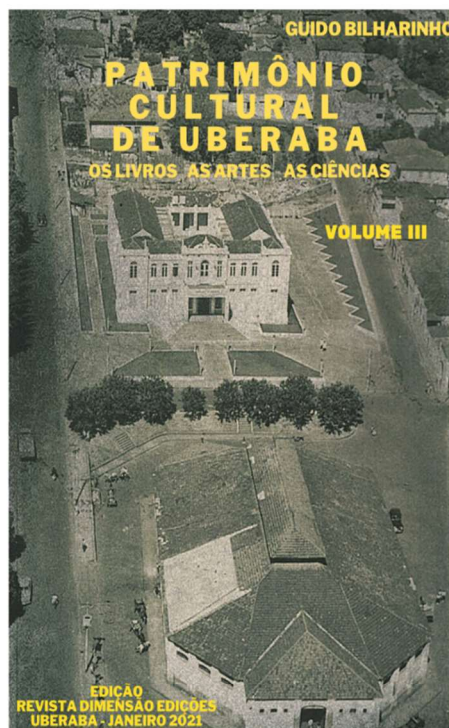


PATRIMÔNIO CULTURAL DE UBERABA

OS LIVROS AS ARTES AS CIÊNCIAS

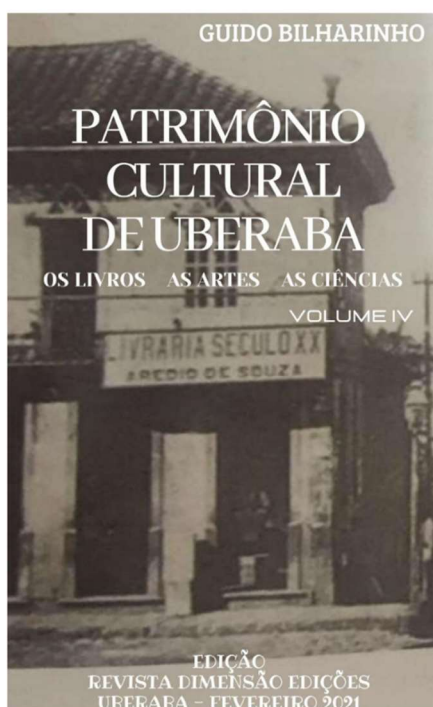
VOLUME III

História - História da História -
Direito - Meteorologia -
Geologia - Personalidades
Uberabenses - Instituições
Culturais - Periódicos Culturais



NOS BLOGS:

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>
<http://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>



PATRIMÔNIO CULTURAL DE UBERABA

OS LIVROS AS ARTES AS CIÊNCIAS

VOLUME IV

Pioneirismo Uberabense -
Invenções - Livrarias -
Estabelecimentos de Ensino -
Bibliografia Sobre Uberaba

REPERCUSSÃO DE DIMENSÃO

(1980-2000)

MANIFESTAÇÕES DO BRASIL E DO EXTERIOR POR CORRESPONDÊNCIA E IMPRENSA SOBRE A REVISTA

NOS BLOGS:

[HTTPS://REVISTADEPOESIADIMENSAO.BLOGSPOT.COM/](https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com/)

[HTTP://BIBLIOGRAFIASOBREUBERABA.BLOGSPOT.COM/](http://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/)

DIMENSÃO - REVISTA
INTERNACIONAL DE POESIA

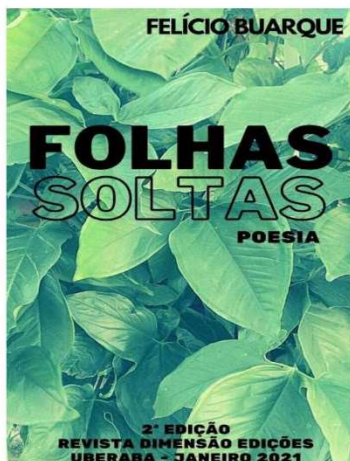


JUNHO/OUTUBRO - 2020



AUTORES UBERABENSES

<https://autoresuberabenses.blogspot.com/>

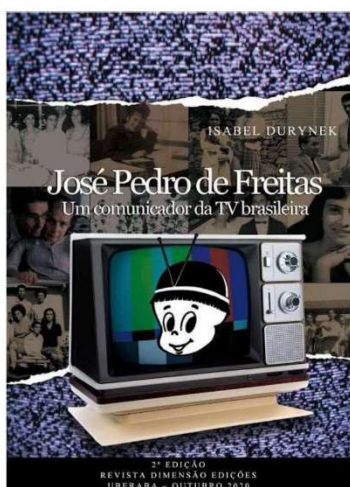


FOLHAS SOLTAS

Poesias de
Felício Buarque

COLETÂNEA DE TEXTOS

de Reinaldo Domingos
Ferreira



JOSÉ PEDRO DE FREITAS

Um Comunicador da TV
Brasileira

de Isabel Durynek

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

46 Volumes Editados

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

REVISTA DE POESIA DIMENSÃO

(1980 a 2000)

Blog Próprio e Exclusivo

Já Acessado em mais de 20 Países

Coleção Completa - Índices Onomásticos de Autores Publicados (635 de 31 países) –
Repercussão da Revista Entre Escritores Brasileiros e Estrangeiros

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

31 Volumes Editados

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA
- ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO
AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA

AUTORES UBERABENSES

3 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

Folhas Soltas

de Felício Buarque

José Pedro de Freitas – Um Comunicador da TV Brasileira

de Isabel Durynek

Coletânea de Textos

de Reinaldo Domingos Ferreira